

O RACISMO: ENTRE A COMPREENSÃO E A SENSIBILIZAÇÃO

João Ademir Cancilier*
Juliano Alexandre de Oliveira**

RESUMO

Com este estudo, teve-se como objetivo compreender a percepção dos estudantes, professores e funcionários da Escola Básica Eurico Pinz Fraiburgo, SC, alusiva ao racismo. Para tanto, realizou-se, no decorrer do ano letivo de 2014, uma pesquisa para captar o entendimento sobre a referida temática. Foi adotada a hipótese de que a partir da compreensão dessas percepções é possível sensibilizar as pessoas por meio da educação, possibilitando-lhes uma maneira consciente de enfrentar as circunstâncias que promovem e perpetuam as práticas racistas. Assim, deseja-se que esta reflexão contribua para a desconstrução das concepções atuais, oferecendo condições ao surgimento de novas, principiadas pela igualdade entre etnias. A pesquisa, mediante questionário, fez parte da metodologia inicial. Esta ofereceu a base de discussão para se dialogar com alguns teóricos que possuem expressivas reflexões sobre as manifestações na contemporaneidade do tema em questão. Nesse diálogo é perceptível que atualmente o racismo se perpetua de uma maneira sutil, de diferentes maneiras e espaços. É necessário que essa compreensão interfira positivamente na prática pedagógica, munindo nossos estudantes com consistentes argumentos para combater o silêncio, as formas de linguagens, o estranhamento à história do outro, traduzidos como cumplicidade ao racismo. O conhecimento originado por esta pesquisa é indispensável para o possível e necessário enfrentamento às brutalidades advindas com o racismo. O conhecer potencializa a sensibilidade dos estudantes para que estejam convictos mediante atitudes e palavras a recusar todo tipo de racismo. Portanto, a pesquisa realizada traduziu-se em aprendizado a toda comunidade escolar. Instrumento importante na superação da realidade perversa que caracteriza nossa sociedade com traços sutis, às vezes nem tanto, de racismo. Palavras-chave: Educação. Sensibilidade. Compreensão.

1 INTRODUÇÃO

Parte-se do pressuposto de que o racismo no Brasil não é apenas um mal feito no passado. É atual, está presente no cotidiano das pessoas e atualiza-se sutil ou explicitamente. Mesmo com toda a legislação, fruto de sólidas mobilizações sociais, ele ainda é um fator preponderante nas relações entre determinados grupos, dignificando alguns e depreciando outros. Dessa maneira, é necessário sensibilizar para a importância de um ambiente escolar capaz de compreender as relações étnico-raciais, assim como também é possível enfrentar efetivamente o racismo. Com este trabalho, tem-se a pretensão de buscar elementos que vislumbrem uma compreensão acertada das práticas discriminatórias. Assim, os estudantes, professores e funcionários da EEB Eurico Pinz, Fraiburgo, SC, tiveram participação decisiva proporcionando informações precisas angariadas de suas convivências familiares dos locais de trabalho, estudo e lazer. O questionário procurou investigar sobre a maneira como se constrói as mentalidades que se encontram na comunidade escolar. Foram priorizadas as categorias cultura e trabalho. A cultura porque abrange o conhecimento às crenças, à arte, à moral, à lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. E trabalho, porque é a referência de realização para as pessoas independente do grupo a que pertençam.

* Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; caboco.cancilier@yahoo.com.br

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; alxjuo@yahoo.com.br

2 UM DIÁLOGO PERTINENTE SOBRE O RACISMO

No presente trabalho pretende-se contribuir para a compreensão do racismo e suas manifestações contemporâneas sinalizando as maneiras de enfrentá-lo. Também anseia desconstruir equívocos históricos, entre eles o mito da democracia racial, que a longa data nutre a desigualdade racial e social no Brasil.

A reflexão de Theodoro (2008) destaca que o racismo é a chave para entender e superar a reprodução da pobreza e das desigualdades sociais. A libertação dos escravos das condições subumanas de existência nas senzalas não foi amparada pelo Estado com políticas públicas embasadas em ideário de igualdade racial. Os negros livres estavam sem oportunidades de emprego, moradia, escola e de toda a estrutura básica para uma sociedade menos desigual.

É recente a existência de políticas públicas que apontam para a possibilidade de tratamento equânime a todas as etnias. No momento, o propósito não é aprofundar essas questões sobre políticas públicas, citamos apenas como ilustrativo. O nosso objetivo maior é compreender o racismo que adentra a escola e conhecer o que é necessário fazer para romper com sua perpetuação.

O rompimento exige conhecer com profundidade as diversas mentalidades que se encontram na escola: professores, estudantes e funcionários. Descobrir quais as concepções que delimitam o entendimento sobre a temática em questão e como esse tema se apresenta em seus grupos sociais, sendo estes sintetizadores de toda a territorialidade escolar.

Quando abordamos a temática sobre o racismo, lembra-nos Munanga (2005) que a primeira atitude corajosa que devemos tomar é a confissão de que nossa sociedade, a despeito das diferenças com outras sociedades ideologicamente apontadas como as mais racistas (por exemplo, Estados Unidos e África do Sul), é também racista. Dessa maneira, precisamos aceitar nossa condição de preconceituosos e racistas.

Reconhecida essa condição, são necessárias estratégias educativas e pedagógicas eficientes para condenar as manifestações que caracterizam as práticas segregacionistas, entre elas desigualdades sociais, discriminações, segregacionismo e preconceitos. As manifestações contemporâneas de racismo exigem de nossa parte uma educação contornada por medidas de sensibilização.

A reflexão de Ciconello (2008), objetivando entender o significado abrangente sobre o racismo, apresenta o depoimento de Edna Roland, militante do movimento negro, quando, sobre o assunto, destaca que

[...] o racismo opera na manutenção das desigualdades raciais no Brasil, Edna Roland, conhecida militante do movimento negro e relatora da III Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada, em Durban, na África do Sul, em setembro de 2001, comparou o racismo no Brasil à Hidra de Lerna, ser mitológico de várias cabeças. Quando se arranca uma das cabeças, logo nasce outra e mais outra, em vários lugares e posições. O racismo, para ela, está entranhado nas relações sociais no Brasil. Outra característica é que a expressão do racismo se modifica com o tempo, manifestando-se em diferentes e novas formas, gerando e mantendo intacta a perversa estrutura de desigualdade entre a população negra e branca no país. (CICONELLO, 2008).

A população brasileira identifica e reconhece o racismo. Uma pesquisa de opinião realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2003 (SANTOS; SILVA, 2005) evidencia que 87% dos brasileiros admitem que existe racismo no Brasil, no entanto somente 4% se reconhecem racistas.

Para Ciconello (2008), é possível extrair duas consequências desses dados: a primeira é que o racismo existe não pela consciência de quem o exerce, mas pelos efeitos de quem o sofre. A segunda consequência é que o racismo no Brasil, embora perceptível, localiza-se sempre no outro, nunca nas práticas cotidianas de seus agentes, o que torna ainda mais difícil sua superação.

Quando possibilitamos essa discussão no âmbito escolar, percebe-se a existência de vários grupos vitimados em menor ou maior grau por diferentes atos discriminatórios. Assim, compete-nos perguntar: como essa instituição (escola) pode contribuir decisivamente para o aniquilamento do racismo?

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), destaca-se que

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e conserto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Considerando o papel preponderante da escola, acredita-se em uma prática pedagógica que realmente compreenda as manifestações contemporâneas de racismo com pretensões de superá-las. A partir de pressupostos que norteiam uma educação sensibilizadora, foi proposta uma pesquisa qualitativa, a qual nos proporcionou reflexões e análises sobre as maneiras que o racismo se perpetua dentro das instituições escolares. Esta pesquisa foi realizada com estudantes, professores e funcionários da escola EEB Eurico Pinz Fraiburgo, SC, totalizando trezentas pessoas que responderam a dez questões sobre as seguintes temáticas: alimentação, vocabulário, linguagens (piadas, vocabulário e expressões racistas) e trabalho.

3 DIALOGANDO COM AS JUVENTUDES ESTUDANTIS

Objetivando a compreensão de vários elementos culturais, torna-se indispensável a análise das informações que amparam as características da territorialidade escolar que perpetuam elementos típicos de sociedades racistas. A partir das respostas, foram buscados elementos que reforçam a ideia que evidencia o racismo dentro e fora das instituições escolares.

Ao serem questionados sobre as expressões que apresentam denotações racistas, percebemos que as piadas representam um forte veículo transmissor de discriminação racial, apesar de a grande maioria dos nossos estudantes não contarem piadas racistas, eles, com frequência, ouvem. Ao ouvir, involuntariamente, ocorre a contribuição à legitimação dessa prática racista.

Fonseca (2008, p. 697-720) oferece-nos expressiva contribuição nessa reflexão argumentando que:

Reconhecer o papel ideológico da piada compõe boa parte da história, mas não toda história. Remeter a discussão apenas para o aspecto ideológico, identificando a função última da piada de assegurar, no aspecto simbólico, as desigualdades sociais entre negros e brancos não é suficiente para compreendermos as nuances do inconsciente na manutenção e transmissão do racismo através dessa via.

As piadas reproduzem as mentalidades de cunho racista. São produtos ideológicos, que acentuam as diferenças, entre negros e brancos. Mas não está apenas no campo ideológico, encontra-se também no inconsciente. Essa mentalidade racista não resolve os problemas que ela provoca. É preciso ir além das questões aparentes para que a correta compreensão desta forma de linguagem consiga ser compreendida.

Precisamos, conforme salienta Fonseca (1994, p. 53), compreender que quando os grupos sociais riem de determinada piada demonstram que estão aparentemente de acordo com suas mensagens, que elas encontram eco na sociedade; sua atitude manifesta consciência e assimilação, aludindo a uma relativa identificação entre a mensagem expressa por eles e a leitura de mundo que é feita pelo conjunto da sociedade.

Outra questão que merece ser analisada se refere às situações concretas de racismo, entendendo quais as possíveis atitudes diante de circunstâncias racistas vivenciadas no cotidiano dos estudantes. Entre discordância ou concordância com atitudes racistas, chama-nos atenção as inúmeras atitudes que tendem para o aceitar caracterizado pelo silenciar.

De acordo com a Lei Federal n. 10.639/03, a questão do silêncio revela um problema sério no ambiente escolar e sua territorialidade, porque tem como princípio a falta de reflexão e, conseqüentemente, a insensibilidade no combate ao racismo.

O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mais do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimos de seres inferiores. O silêncio escolar sobre o racismo cotidiano não só impede o florescimento do potencial intelectual de milhares de mentes brilhantes nas escolas brasileiras, tanto de alunos negros quanto de brancos, como também nos embrutece ao longo de nossas vidas, impedindo-nos de sermos seres

realmente livres “para ser o que for e ser tudo” – livres dos preconceitos, dos estereótipos, dos estigmas, entre outros males. Portanto, como professores(as) ou cidadãos(ãs) comuns, não podemos mais nos silenciar diante do crime de racismo no cotidiano escolar, em especial se desejamos realmente ser considerados educadores e ser sujeitos de nossa própria história.

A necessidade que determina nossa ação exige constante diálogo em todos os espaços públicos, principalmente nas escolas com nossos educandos e seus familiares sobre as questões raciais. Objetivando desmistificar práticas que reforçam o racismo, superando a discriminação racial, promovendo, entre grupos étnico-raciais diferentes, a construção de um pensamento reflexivo em busca da igualdade.

Cabe às instituições escolares privilegiar espaços de diálogo e reflexão sobre os temas acima citados, não exercendo apenas a função do falar, mas, acima de tudo, torna-se imprescindível saber como se fala, ter a compreensão do que se fala e mais: partir para a ação, para a construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial. Essa é uma tarefa cidadã de toda a sociedade brasileira e não somente dos negros ou do movimento negro. E a nossa ação como educadores e educadoras, do ensino fundamental à Universidade, é de fundamental importância para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação.

A frequência de ações racistas dentro das instituições escolares demonstra que ainda existe muito a fazer. Ainda são muito utilizadas as expressões que tipificam discriminação, racismo ou preconceito, entre elas: gordinha, baixinha, chocolate, escurinha. Essas atitudes serão rompidas com o diálogo, a discussão, a convivência respeitosa entre todos os quem compõem a comunidade escolar. Para Gomes (1995, p. 51), é preciso falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Diferentemente do que alguns pensam, quando discutimos publicamente o racismo, não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico-raciais.

A questão racial é atual, embora apresente características de uma formação de classes sociais distintas nas origens da sociedade. Ficamos marcados pela questão do racismo e, especificamente, pela exclusão de negros. Acima de tudo, mais do que uma mera herança do nosso passado, a problemática em questão apresenta-se de maneira contundente no dia a dia de diferentes maneiras. Principalmente por meio de expressões relacionadas àquilo que se ouve ou que se utiliza nas diferentes formas de comunicação. A coisa está preta, ovelha negra, mercado negro, câmbio negro, peste negra, negro de alma branca, não faça serviço de preto, lista negra e livro negro aparecem como as mais habituais.

As expressões, encontradas nos dicionários, com conotações negativas, são utilizadas voluntaria ou involuntariamente em todas as relações que estabelecemos: sociais, políticas, econômicas e culturais, porque

[...] a todo instante, ouvimos e empregamos construções que ratificam esse preconceito. Basta observar que o Dicionário Aurélio registra uma série dessas expressões correntes na língua, em que o adjetivo negro tem conotações negativas: humor negro, lista negra, magia negra, mercado negro, ovelha negra etc. Ao que se pode acrescentar: página negra, peste negra e inúmeras outras. É também bastante sintomático que o referido dicionário, entre os diversos significados que atribui a negro, registre os de “sujo”, “funesto”, “maldito”, “perverso” e “sinistro”. (MONTEIRO, 2013).

Ao questionarmos sobre a existência do continente Africano, tendo como objetivo de pesquisa o que as pessoas realmente sabem sobre a origem dessa matriz expressiva na constituição originária da sociedade brasileira, constatou-se que a grande maioria entende o continente como sinônimo de pobreza ou ainda constituído por pessoas pobres e desprovidas de diversidade cultural.

O grande questionamento é sobre a condição social de pobreza da grande maioria da população negra no Brasil. Lembrando que os negros, na condição de trabalhadores escravos, foram os responsáveis pela origem das bases econômicas do Brasil.

Auxilia-nos nesse entendimento Ribeiro (2006, p. 212), em que, examinando a carreira do negro no Brasil, verificou que,

[...] introduzido como escravo, ele foi desde o primeiro momento chamado à execução das tarefas mais duras, como mão de obra fundamental de todos os setores produtivos. Tratado como besta de carga exaurida no trabalho, na qualidade de mero investimento destinado a produzir o máximo de lucros, enfrentava precaríssimas condições de sobrevivência. Ascendendo a condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora

melhores que a escravidão, só lhes permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel que continuava sendo principalmente o de animal de serviço.

As condições de trabalho e os tipos de trabalho foram determinantes na constituição do negro na sociedade brasileira. Mesmo com a legislação pondo fim à institucionalização do trabalho escravo, a condição dos trabalhadores negros continuou sem expressivas alterações. Eles continuaram realizando as atividades desprezadas e menos reconhecidas.

No entanto, em 2005, a população negra representava 49,6% da população brasileira, totalizando uma população de 92 milhões de pessoas em sua grande maioria vivendo em condições de vida subumanas.

[...] negros nascem com peso inferior a brancos, têm maior probabilidade de morrer antes de completar um ano de idade, têm menor probabilidade de freqüentar uma creche e sofrem de taxas de repetência mais altas na escola, o que leva a abandonar os estudos com níveis educacionais inferiores aos dos brancos. Jovens negros morrem de forma violenta em maior número que jovens brancos e têm probabilidades menores de encontrar um emprego. Se encontrarem um emprego, recebem menos da metade do salário recebido pelos brancos, o que leva a que se aposentem mais tarde e com valores inferiores, quando o fazem. Ao longo de toda a vida, sofrem com o pior atendimento no sistema de saúde e terminam por viver menos e em maior pobreza que brancos. (IPEA, 2007, p. 281).

Para Silva (2004), é na instituição escolar, principalmente nas aulas de História do Brasil colonial, que os negros são mostrados somente como pobres escravos, obedientes e resignados. Fisicamente são apresentados de forma estereotipada nos materiais pedagógicos, como os livros didáticos, utilizados pelos docentes e manuseados por anos a fio pelos alunos. Esses mesmos materiais deixam de mencionar as relações sociais e culturais dos negros, referindo-se a eles somente como realizadores do trabalho compulsório, negando o real papel de importância destes na construção da nação brasileira, que deveria destacar suas contribuições em todos os campos da História.

Frequentemente, encontramos nos espaços midiáticos e nos textos didáticos conteúdos que apresentam apenas o lado negativo do continente Africano. As questões relacionadas à riqueza cultural e natural permanecem esquecidas, distorcidas ou ignoradas.

O que chamamos de cultura de valor na Europa, na África são costumes exóticos. O que os europeus chamam de filosofia e religião toma os nomes de credices ou superstição na África. As lutas de classes são reduzidas as lutas tribais. No estudo da formação de nossa nacionalidade a participação dos africanos e de seus descendentes são escamoteadas e relegada a uma contribuição ao folclore, a culinária e misticismo. Conhecemos a África das tribos, do Simbá, dos safáris, da AIDS, da fome e das guerras. O continente africano permanece para a maioria dos brasileiros reduzida a uma imagem simplificada por quatro Ts: tribo, tambor, terreiro e Tarzan. (PEREIRA, 1997, p. 16).

Partindo desses pressupostos, torna-se imprescindível apresentarmos um novo olhar sobre a questão racial no contexto escolar, superando o eurocentrismo, que caracteriza nosso sistema escolar, a escola reproduz o racismo arraigado na sociedade brasileira, visto que na escola estão todas as contribuições presentes na sociedade (ROCHA, 2006).

Sonha-se com um escola democrática e que consiga acolher a todos, porém, coexistimos com situações que fragilizam a escola diante de suas principais atribuições que é de transmissão do saber.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto procurou-se evidenciar que compreensão e sensibilização são indissociáveis na formação dos estudantes, bem como de toda a comunidade escolar para o enfrentamento da discriminação racial, responsável por parte significativa das desigualdades sociais principalmente entre negros e brancos. Essas desigualdades originárias no passado e reconstruídas no presente legitimam, quotidianamente, procedimentos discriminatórios.

Referente à metodologia instrumentalizada pelo questionário, foi notório que algumas questões permitiram maiores comentários tanto pelas informações pessoais já acumuladas quanto pelo conhecimento social já produzido sobre elas, além das possibilidades de reflexão que elas permitiram. E há as questões que, por sua amplitude e relevância social, tornam-se proposições de posteriores estudos. Exemplo: Multiculturalismo e sensibilidade.

No entanto, as respostas possibilitaram a compreensão de que a escola e a sociedade brasileira de uma maneira geral são racistas, estando estas entre o sutil e o explícito, evidenciando, dessa maneira, a necessidade de uma ação pedagógica que, associada à compreensão e sensibilidade, consiga desconstruir as práticas que perpetuam o racismo.

Referente às respostas aos questionários, evidenciou-se o racismo tanto nas questões relacionadas à cultura quanto ao trabalho. Portanto, nossa hipótese confirmou-se. Necessárias novas investigações. A existência de afirmações objetivas quanto à existência do racismo dentro e fora da escola revelou o quão pouco conhecemos sobre o assunto. Precisamos realizar novas investigações para compreender melhor os fenômenos que motivam o preconceito, a discriminação, e inverter esse quadro perverso que desumaniza alguns e endeusa outros.

Racism: between the understanding and awareness

Abstract

With this study, the aim was to understand the perception of students, professors and staff of the Basic School Eurico Pinz Freiburg, SC, alluding to racism. For this, during the school year 2014, a questionnaire was held to capture the understanding of that subject. The hypothesis that from the understanding of these perceptions it is possible to raise awareness through education enabling people to deal with the circumstances that promote and perpetuate the racist practices in a conscious way was adopted. Thus, it is desired that this reflection contribute to the deconstruction of current conceptions offering conditions for the emergence of new, means for equality between ethnic groups. The survey, by questionnaire, was part of the initial methodology. This methodology provided the basis for discussion to talk to some theorists who have significant reflections on the events in contemporary theme in question. In this dialogue, it is perceivable that currently racism is perpetuated in a subtle way, in different ways and spaces. It is necessary that this understanding interfere positively in pedagogical practice arming our students with consistent arguments to combat the silence, the forms of languages, the strangeness to the history of the other, translated as complicity with racism. The knowledge originated by this research is essential for the possible and necessary confront to the brutality stemming from racism. The knowledge enhances the sensitivity of the students so that they are satisfied through attitudes and words to refuse any kind of racism. Therefore, the survey resulted in learning to the whole school community. Important tool in overcoming the perverse reality that characterizes our society with subtle traces, sometimes not so much, of racism.

Keywords: Education. Sensitivity. Understanding.

REFERÊNCIAS

ARELARO, Lisete Regina Gomes. Resistência e submissão: a reforma educacional na década de 1990. In: KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (Org.). **O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate**. Campinas: Autores Associados, 2000.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004.

CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. From Poverty to Power case study. **Oxfam Internacional**, 2008. Disponível em: <www.fp2p.org>. Acesso em: 02 ago. 2013.

FONSECA, Dagoberto José. **A piada**: discurso sutil de exclusão, um estudo do risível no “racismo à brasileira”. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Programa de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994. [no prelo].

IANI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru: Edusc, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **Os significados do lexema negro segundo abonações dos escritores brasileiros**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hRQVQTOuUG8J:incubadora.ufrn.br/index.php/revistadogelne/article/download/1348/1228+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 02 ago. 2013.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PASSOS, Joana Célia dos. O Projeto Político Pedagógico Escolar e as Relações Raciais: a implementação dos conteúdos de História e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. In: SILVA, Vania Beatriz Monteiro da; SPONCHIADO, Justina Inês (Org.). **Contribuições para a educação das relações étnico-raciais**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: Edufba, 2004.

SILVA JÚNIOR, Hédio. **Direito de igualdade racial**: aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Mudanças estruturais no capitalismo e a política educacional do governo FHC: o caso do ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, p. 203-234, 2002. [Edição especial].

SILVA, Petronilha B. **Gonçalves (relatora) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. CNE/CP 003/2004. Brasília, DF: MEC, 2004.

THEODORO, Mario (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Deliberação 04/06 do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná, aprovada em 02/08/06, que institui normas complementares às Diretrizes Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e ERER. Brasília, DF: IPEA, 2008.

